

Fado em movimento

29 e 30 Set 2022
21:00 Sala 2

Ensemble Des Équilibres

Agnès Pyka violino

Emmanuel Haratyk viola

Caroline Sypniewski violoncelo

Cristina Branco voz

Bernardo Couto guitarra portuguesa

Gonçalo M. Tavares textos

Ensemble Des Équilibres

Florentine Mulsant

Trio à cordes, op. 112 (2022; c.20min)*

Cristina Branco voz

Bernardo Couto guitarra portuguesa

Temas de fado tradicional anunciados a partir do palco

Ensemble Des Équilibres

Cristina Branco voz

Bernardo Couto guitarra portuguesa

Fátima Fonte**

Voar na Diagonal (2022; c.9min)*

Tabaco (2022; c.9min)*

*estreia mundial

**colaboração na orquestração das duas obras: Luís Neto da Costa

As obras de Florentine Mulsant e Fátima Fonte, bem como os poemas de Gonçalo M. Tavares, são uma encomenda do Ensemble Des Équilibres, com o apoio de SACEM/Copie privée/ SPEDIDAM.

Evento organizado no âmbito da Temporada Portugal-França 2022;
Co-produção: La Ferme du Buisson (Marne-la-Vallée) e Ensemble Des Équilibres.

O Ensemble Des Équilibres conta com o apoio de DRAC Île-de-France.

Cristina Branco, rainha do fado contemporâneo, encontra na tradição musical um recurso inesgotável para alimentar as mais audaciosas aventuras artísticas. O ensemble Des Équilibres, liderado pela violinista Agnès Pyka, cruza regularmente géneros musicais, levando o seu repertório preferido (a música do século XX) ao convívio com outros universos. A convite da Temporada França-Portugal 2022, a cantora, acompanhada pelo guitarrista Bernardo Couto e por aquele ensemble de cordas, revisita o território marcadamente português do fado, confrontando-o com a escrita contemporânea das obras inéditas de Florentine Mulsant e Fátima Fonte. O fio condutor das três partes do programa serão os textos encomendados para esta ocasião ao escritor Gonçalo M. Tavares.

Uma forma única de construir, além-fronteiras, um imaginário musical europeu comum.

Florentine Mulsant

FRANÇA, 1962

Florentine Mulsant estudou no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris e na Schola Cantorum, onde obteve o 1.º Prémio em composição, em 1987, na classe de Alain Gaussin. Teve aulas com Franco Donatoni na Academia Chigiana em Siena (Itália) e aperfeiçoou-se com Alain Bancquart. Premiada em inúmeros concursos internacionais de composição, Florentine viu as suas obras encomendadas e interpretadas por solistas e orquestras de renome. Foi nomeada Compositora em Residência (2015) no Conservatório de Marselha e no Festival des Arcs (2018). Recebeu o Grande Prémio SACEM (Compositor do Ano, Música Clássica Contemporânea, 2019).

Embora reivindique as influências estéticas da Escola Francesa do século XX, nomeadamente Claude Debussy, Maurice Ravel, Olivier Messiaen e Henri Dutilleux, Florentine Mulsant professa um apego à expressividade, liberdade de linguagem e firmeza do design formal.

Trio à cordes, op. 112

Composta durante a Primavera de 2022, esta obra é dedicada a Agnès Pyka e inspirada nos poemas de Gonçalo M. Tavares.

O primeiro andamento descreve o sofrimento pessoal de um homem pai de família que se encontra desempregado. Dois temas dominam o andamento e a intensidade vai aumentando perante a confusão do personagem que se encontra desesperado diante os algozes que lhe oferecem emprego em troca de um membro.

Segue-se o segundo andamento, inspirado por um poema que descreve o canto de um pássaro prestes a ser apanhado por um caçador, mas que, apesar das feridas, continua a cantar. Os *pizzicati* nas cordas ilustram o canto leve do pássaro. Composto na forma de Scherzo, o andamento é dividido em três secções distintas, tal como o poema.

O último andamento descreve a violência do poema que relata o destino de um homem condenado à guilhotina. Numa atmosfera sombria e lúgubre, o violoncelo expõe a terrível situação através de um tema carregado de dramatismo, sustentado por *pizzicati* no violino e na viola.

NOTAS DA COMPOSITORA

Fátima Fonte

PORTUGAL, 1983

Fátima Fonte é uma compositora portuguesa que vive no Porto e em Londres. Estudou composição no Porto (ESMAE) e no Conservatório de Música de Amesterdão, com Richard Ayres. Estudou música hindustani na Índia como bolsista da Fundação Oriente.

A sua música já foi tocada por formações como o Nieuw Ensemble, Icarus Ensemble ou orkest de ereprijs. Tem vindo a trabalhar intensamente com música de palco. Uma das suas principais obras, a ópera buffa *A Querela dos Grilos* (libreto de Tiago Schwäbl), tem sido apresentada em numerosos teatros portugueses.

Foi Jovem Compositora Associada (2017-2018) no Teatro Nacional de São Carlos, colaborando com bailarinos, coreógrafos, cantores e instrumentistas, além de estrear *Era Uma Vez Eu-Alface*, para narradora e Orquestra Sinfónica Portuguesa. Em 2019, a Orquestra Gulbenkian interpretou *Breve Desassossego*, integrado no workshop “Composição para vozes”, e o Duo Tágide estreou *Coração Acordeão* (encomendado pela Miso Music Portugal).

Actualmente, Fátima Fonte é doutoranda na Guildhall School of Music and Drama (Londres).

Voar na Diagonal e Tabaco

Estas duas canções nasceram de um fascínio antigo pela guitarra portuguesa e pela voz da Cristina Branco, e foram guiadas pela intenção de aliar o fado à composição contemporânea. Uma vez que o meu percurso vem do lado da composição, comecei pela pergunta – o que é que caracteriza o fado? E, de forma mais concreta, com que elementos da sua tradição posso conversar musicalmente?

Em termos da origem, sabe-se que o fado nasceu nos bairros populares de Lisboa nas primeiras décadas do séc. XIX, num ambiente marginal entre marinheiros e varinas, estivadores e prostitutas, fidalgos boémios e artistas. Embora se assuma como canção urbana popular lisboeta, o fado exprime uma síntese multicultural desde o seu nascimento. Parece ser descendente directo de danças cantadas afro-brasileiras e, em Lisboa, absorveu desde logo influências de música tradicional de várias áreas do país (através da migração do campo para a cidade) e de canções cosmopolitas de salão.

Existem também os “mitos da origem”: explicações para a génese do fado que aludem mais à imaginação poética do que a uma descendência directa e verificável. Um destes mitos relaciona o fado com os cânticos dos mouros, baseando-se na ligação geográfica através do bairro da Mouraria (Lisboa), no tom dolente e melancólico comum, e também na forma de ornamentar a voz. Apesar da falta de confirmação histórica, a “tese arabizante” da origem do fado continua a exercer uma força de atracção poética a que não consegui resistir. A primeira canção, *Voar na diagonal*, conta a estória de um pássaro (texto de Gonçalo M. Tavares) em forma de lamento com sabor arabesco, com foco na ornamentação. A segunda canção, *Tabaco*, já se aproxima mais literalmente do fado, ao incluir uma reinterpretação de *Zanguei-me com o meu amor* de Amália Rodrigues (fiz uma transcrição da linha vocal, e acrescentei uma parte instrumental nova). O texto baseia-se no poema “Duas mulheres” de Gonçalo M. Tavares, descrevendo um encontro de duas amigas num café. Em geral procurei encontrar linhas melódicas para a voz com espaço para oscilações de tempo (rubato), ornamentação livre, e expressividade próprias da interpretação do fado – sabendo que o sabor a fado não se deixa prender numa partitura.

NOTAS DA COMPOSITORA

Gonçalo M. Tavares

ANGOLA, 1970

Gonçalo M. Tavares é um escritor e professor de epistemologia português em Lisboa. Depois de estudar física, desporto e arte, tornou-se professor de epistemologia em Lisboa.

Desde 2001 que publica romances, poesia, ensaios, peças de teatro, histórias e outras obras não classificáveis. Recebeu inúmeros prémios nacionais e internacionais, incluindo o Prémio Saramago, o Prémio Ler/BCP (o mais prestigiado em Portugal) e o Prémio Portugal Telecom (no Brasil).

Gonçalo M. Tavares é considerado um dos maiores nomes da literatura portuguesa contemporânea, recebendo elogios de autores famosos como Eduardo Lourenço, José Saramago, Enrique Vila-Matas, Bernardo Carvalho e Alberto Manguel.

Ensemble Des Équilibres

Agnès Pyka violino

Emmanuel Haratyk viola

Caroline Sypniewski violoncelo

A romper com rótulos e a percorrer novos caminhos desde a sua fundação, o ensemble Des Équilibres concebe a música como uma troca, procurando envolver o público num verdadeiro diálogo. Fundado em 2006 por Agnès Pyka, o ensemble promove o encontro de músicos de diferentes origens, construindo pontes de diversas estéticas e formas artísticas. O ensemble tem-se mantido fiel a esta vocação exploratória de novos territórios sem abandonar a tradição, abordando todas as formas de música de câmara mas sempre com uma predilecção por obras raras ou inéditas. A flexibilidade da sua formação, do dueto ao octeto em função do programa escolhido, permite-lhe também trabalhar com um vasto repertório. Em 2021, o ensemble colaborou com dois artistas contemporâneos, Florentine Mulsant e Bryce Dessner, em dois programas originais e foi convidado a participar nos concertos com vocação social no âmbito do Festival L'Été Buissonnier de La Ferme du Buisson.

Em 2022 o ensemble celebra o bicentenário do nascimento de César Franck recriando a música para cordas em La Ferme du Buisson. Também este ano, a formação relança o projecto educativo Jeux de cordes, destinado a jovens estudantes e construído com a compositora Graciane Finzi.

Convergência e contradição são a força motriz por detrás de um programa preenchido por projectos enriquecedores. O gosto pela descoberta reflecte-se na discografia do ensemble que inclui obras de compositores como Sándor Veress, Bartók, Jean Cras, Albert Roussel, Joseph-Ermend Bonnal, Mieczyslaw Weinberg, Philippe Hersant, Nicolas Bacri, Graciane Finzi, J. S. Bach, A. Khataturian, T. de Mey, entre outros. Em 2022, o ensemble lança a integral da música de câmara para cordas de César Franck, em parceria com a editora Klarthe e o estúdio Stephen Paulello.

Agnès Pyka violino

Considerada uma das violinistas mais distintas e talentosas da sua geração, Agnès Pyka dedicou a maior parte da sua vida à música de câmara. Depois de estudar com os mais prestigiados mestres (Franco Gulli, Mariana Sirbu, Giuliano Carmignola, Ferenc Rados, Lorand Fenyves...), criou em 2006 o ensemble Des Équilibres, uma formação com tamanho variável e simultaneamente um laboratório criativo. Colaborou com os maiores nomes da música em diversas ocasiões, participando na abertura de Marselha Capital da Cultura em 2013, com Fazil Say, na gravação de duetos de Bartók com Jan Talich e na estreia de *Still Point* com Ray Lema.

Sempre interessada em explorar os repertórios actuais, Agnès trabalhou com diversos compositores contemporâneos, tendo encomendado obras a Nicolas Bacri, Philippe Hersant e Graciane Finzi. Coordenou também o projecto multidisciplinar *Une Nuit Transfigurée*, que envolveu pintura, vídeo e música, estreado em Janeiro. Ainda este ano vai interpretar a integral da música de câmara para cordas de César Franck.

Des Équilibres abriu também o caminho a novos horizontes para Agnès, colaborando com: Thierry De Mey e a sua irmã Michèle Anne De Mey num espectáculo de dança; Nour Eddine Saoudi (oud) e os seus músicos; ou Ballet Nacional do Cambodja no Templo de Angkor Vat.

Agnès tem aumentado constantemente as possibilidades de música clássica ao longo dos seus encontros e das numerosas digressões no estrangeiro. A sua vasta discografia tem sido amplamente aclamada pela crítica nacional e internacional. Toca num violino Stefano Scarampella de 1900.

Emmanuel Haratyk viola

Primeiro prémio do Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris e laureado dos concursos internacionais de Florença e Vercelli, Emmanuel Haratyk foi membro dos prestigiados quartetos de cordas Anton, Castagneri e Manfred.

Durante três décadas actuou em todo o mundo ao lado de artistas notáveis, sendo recebido nas mais importantes salas de concertos. Gravou trabalhos para a Lyrinx, a Zig-Zag Territoires, a Paraty e a Harmonia Mundi (galardoado com o Choc du Monde de la Musique e o Grand Prix du Disque).

Tem sido um activo divulgador do vasto repertório para quarteto — de Haydn, Mozart, Beethoven, Schubert, Bartók e Chostakovich. Como solista tem sido convidado pelos festivais de música contemporânea Ars Musica (Bruxelas), Microtonal Music (Londres), Biennale (Veneza) e Présences (Rádio France). Durante mais de uma década foi viola solo do ensemble de música contemporânea L'itinéraire, apresentando-se na maioria das capitais europeias e realizando numerosas gravações. O álbum *Clairs de Lune* do Quarteto Manfred inclui as suas transcrições para voz e quarteto de *Nuits d'été* de Berlioz e de melodias de Fauré. Toca numa viola veneziana de Matteo Goffriller, de 1720.

Caroline Sypniewski violoncelo

Nascida em Toulouse no seio de uma família de músicos, Caroline Sypniewski começou a tocar piano aos seis anos e violoncelo aos oito. As suas inúmeras distinções levaram-na a actuar a solo ou em música de câmara em vários festivais e salas europeias.

Partilhou o palco com figuras como Alexandre Kantorow, Renaud Capuçon, Gautier Capuçon, Emmanuel Pahud, Quarteto Modigliani, Michel Beroff, Adam Laloum, Abdel Rahman El Bacha. Toca regularmente em trio de cordas com as suas irmãs Anna e Magdalêna no Trio Sypniewski.

Como solista tem sido acompanhada por várias orquestras, destacando-se a Orquestra Filarmónica de Baden-Baden, a Orchestre de Dijon-Bourgogne, o Ensemble Appassionato, a Orchestre del Opéra Royal de Versailles, a Orquestra de Câmara Filarmónica de Varsóvia, a Orquestra Elektra e a Orquestra de Câmara Nouvelle-Europe.

Estudou com Jérôme Pernoo no Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris e aperfeiçoou-se com Gautier Capuçon na classe de Excelência da Fondation Vuitton e Clemens Hagen no Mozarteum em Salzburgo.

Durante os seus estudos foi seleccionada para participar em numerosas academias de prestígio que lhe permitiram beneficiar dos conselhos dos melhores músicos.

Cristina Branco voz

Cristina Branco é uma infatigável embaixadora da cultura portuguesa no mundo. Ao longo das duas últimas décadas, tem-se afirmado como uma das mais prolíficas cantoras da actualidade, produzindo uma discografia notável. A música tradicional portuguesa é a sua principal raiz estética mas a influência do jazz, da literatura e dos músicos com quem partilha o palco, imprimem à sua música um cariz universal e um encanto sublime.

Inicia o seu percurso na Holanda, onde grava *Cristina Branco in Holland* (Live, 1997), álbum que acaba por transformar-se num verdadeiro sucesso naquele país. No virar do milénio, com discos como *Sensus* (2003) e *Ulisses* (2005), Cristina Branco começa finalmente a ser aclamada em Portugal. Seguem-se vários trabalhos mas é no seu décimo disco, *Não há só Tangos em Paris* (2011), que se manifestam os primeiros indícios de que a música de Cristina poderia ter uma outra roupagem, prenunciando a fase de rejuvenescimento artístico que chegaria alguns anos mais tarde com *Menina*. Considerado o Melhor Disco do Ano pela SPA, *Menina* (2016) é o primeiro capítulo de uma trilogia onde se incluem os joviais *Branco* (2018) e *Eva* (2020).

Em 2022, ano em que celebra 25 anos de carreira, Cristina Branco lançou *Amoras numa Tarde de Outono*, novo álbum em colaboração com o pianista João Paulo Esteves da Silva e que procura registar o trabalho que o duo vem desenvolvendo ao vivo nos últimos 20 anos.

Bernardo Couto guitarra portuguesa

Bernardo Couto, nascido a 19 de Dezembro de 1979, começou a aprender a tocar guitarra portuguesa aos 13 anos, com o guitarrista e compositor Carlos Gonçalves. Na Escola de Música do Conservatório Nacional completou o 7.º grau dos cursos de Guitarra Portuguesa e Formação Musical, estudando também Análise, Técnicas de Composição, Acústica, História da Música e Música de Câmara.

Estudou com Pedro Caldeira Cabral, Paulo Parreira e Ricardo Rocha. Anos mais tarde começou a tocar profissionalmente na casa de fados Mesa de Frades tendo, a partir daí, iniciado um percurso como acompanhador, tocando com Raquel Tavares, Camané, Ana Moura e, mais recentemente, com Cristina Branco, António Zambujo e Rão Kyao. Integra ainda o grupo LST (Lisboa String Trio) com os músicos José Peixoto e Carlos Barretto, um duo com o bandoneonista argentino Martin Sued e o trio SUL com o pianista Luís Figueiredo e o contrabaixista Bernardo Moreira.